

# Stéphane Mallarmé – Primavera

A primavera enferma expulsou sem clemência  
O inverno lúcido, estação de arte serena,  
E no meu ser, que ao sangue obscuro se condena,  
Num longo bocejar se espreguiça a impotência.

Crepúsculos sem cor amornam-me a cabeça,  
Velha tumba que cinge um círculo de ferro,  
E, amargo, atrás de um sonho vago e belo eu erro  
Pelos trigais, onde se exhibe a seiva espessa.

Exausto, eu tombo enfim entre árvores e olores,  
E, cavando uma fossa para o sonho, a boca  
Mordendo a terra quente onde germinam flores,

Espero que o meu tédio, aos poucos, vá-se embora...  
– Porém, do alto, o Azul ri sobre a revoada louca  
Dos pássaros em flor que gorjeiam à aurora.

Stéphane Mallarmé, Poesia da recusa